



## A DESVALORIZAÇÃO DO CINEMA NACIONAL

Naiara Polidoro Murussi<sup>1</sup>  
Bibiana Londero Berno<sup>2</sup>  
Lauryn de Freitas dos Reis<sup>3</sup>  
Sarah A. Rodrigues<sup>4</sup>

**Instituição:** Escola Estadual de Ensino Médio Ruy Barbosa

**Modalidade:** Relato de Pesquisa

**Eixo Temático:** Linguagens e suas Tecnologias

### INTRODUÇÃO

Este trabalho está sendo desenvolvido na disciplina de Comunicações e Relações Interpessoais no Mundo do Trabalho e aborda a compreensão da Desvalorização do Cinema Nacional como ferramenta pedagógica. O filme “Cidade de Deus” dirigido por Fernando Meirelles, apresenta uma crítica social com base em acontecimentos realistas que fazem parte da história de uma das favelas mais perigosas do Rio de Janeiro. Nesse filme pode-se analisar uma percepção particularmente distante daquela que a maioria das pessoas tem da “cidade fascinante”, mostra-se sim os ambientes vulneráveis a violência, precarização e algumas mortes trágicas. Por ser uma obra que apresenta assuntos sérios e delicados, ainda que verídicos, constrói-se uma crítica associada a vários problemas sociais presentes no país, induzindo o telespectador a refletir sobre tais assuntos, os quais frequentemente são retratados de forma clara na indústria cinematográfica brasileira.

<sup>1</sup> Professora da disciplina de Comunicações e Relações Interpessoais no Mundo do Trabalho na E.E.E. Médio Ruy Barbosa, [naiara-murussi@educar.rs.gov.br](mailto:naiara-murussi@educar.rs.gov.br).

<sup>2</sup> Estudante do 3º ano do Ensino Médio, trabalho realizado na disciplina de Comunicações e Relações Interpessoais no Mundo do Trabalho, na trilha: Cidadania, Comunicação e Relações Interpessoais, [bibiana-lberno@educar.rs.gov.br](mailto:bibiana-lberno@educar.rs.gov.br).

<sup>3</sup> Estudante do 3º ano do Ensino Médio, trabalho realizado na disciplina de Comunicações e Relações Interpessoais no Mundo do Trabalho, na trilha: Cidadania, Comunicação e Relações Interpessoais, [lauryn-dreis@educar.rs.gov.br](mailto:lauryn-dreis@educar.rs.gov.br).

<sup>4</sup> Estudante do 3º ano do Ensino Médio, trabalho realizado na disciplina de Comunicações e Relações Interpessoais no Mundo do Trabalho, na trilha: Cidadania, Comunicação e Relações Interpessoais, [sarah-asoares@educar.rs.gov.br](mailto:sarah-asoares@educar.rs.gov.br).



Contudo, essa abrangência de conteúdos baseados em fatos reais, sociais e históricos do país não agrada determinada parte dos críticos, que enxergam essa parcela de conteúdos como apenas “um filme pesado para ser assistido”, com o propósito de invisibilizar as situações de marginalidade, desemprego, pobreza, delinquência juvenil entre outros problemas sérios encontrados não apenas no Brasil mas na sociedade como um todo. Portanto, a análise da temática do cinema brasileiro e sua desvalorização carrega um aprofundamento crucial para a compreensão íntegra deste eixo. Vale ressaltar que a elitização do cinema, controle comercial de Hollywood e o aumento absurdo de plataformas com serviços de streaming também são um dos principais fatores para o distanciamento que a população brasileira tem de acessar a esse recurso de lazer.

Nesse sentido, é de suma importância observar a trajetória do cinema nacional, tal qual é essencial e necessário para a conscientização de problemas estruturais, políticos e sociais do Brasil.

---

CIDADE de Deus. Direção de Fernando Meirelles. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2002. 1 DVD.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O desenvolvimento deste trabalho pauta-se pela pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, uma vez que se estrutura na leitura e investigação de referenciais teóricos que abordam o tema da desvalorização do cinema nacional. Visa o entendimento e o alargamento das compreensões sobre os pretextos do tema estudado junto a análise dos filmes, pois como estudantes do ensino médio entendemos que a pesquisa constitui-se como percurso fundamental para nossa aprendizagem.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A indústria cinematográfica como um todo traz diversas extensões e mudanças que vieram junto a contemporaneidade no mundo. Enceta-se com o cinetoscópio<sup>5</sup>, um instrumento que popularizou e trouxe pela primeira vez a essência dos filmes para a sociedade. Posteriormente surgem as tecnologias VHS e DVD 's, essas que proporcionaram momentos nostálgicos e de grande valorização da indústria. No entanto, com a chegada dos serviços de streaming as locadoras foram por água abaixo, e, conseqüentemente, o cinema físico foi se tornando cada vez mais um entretenimento elitizado, pois tudo em algum momento se transforma em mercadoria. Não há dúvidas de que pessoas de baixa renda continuam tendo dificuldades para acessar esses materiais culturais importantes que promovem a conscientização. Dessa maneira, o problema central tem seu núcleo político por trás.



Grandes empresas como as de Hollywood, investem orçamentos altos nas produções de seus filmes e certamente lucram demasiadamente com as obras cinematográficas. Todavia, é considerável salientar que a indústria Estadunidense recebe exorbitantes lucros com as bilheterias do mundo todo, já que eles dominam este mercado mais do que qualquer outro país, influenciando assim uma imensa parcela dos conteúdos vendidos em massa. De acordo com Ana Filipa Matos Maia (2016), essa americanização da vida e da cultura proliferou grandemente e apropriou-se também dos sistemas midiáticos e das formas de entretenimento, nomeadamente na Europa e América Latina. Dessa forma, observa-se uma força midiática vindo dos Estados Unidos para países como o Brasil. Só para ilustrar, raramente são vistos filmes nacionais em cartaz nas redes populares de cinema do país, pelo contrário, os que costumam ocupar um espaço enorme nas bilheterias normalmente são os filmes internacionais.

O domínio de Hollywood é arquétipo dos processos de globalização, neste caso de americanização, e manifesta-se na normalização dos mercados externos, na produção, circulação e exibição transnacional de filmes. Hollywood tornou-se sinônimo da indústria de cinema e entretenimento global, detendo grandes conglomerados a operar em diversos segmentos e em diversos países (Sigismondi, 2011). Além disso, alcançou o pensamento de que diversos filmes Estadunidenses parece que projetam-se com teses mais genéricas e conteúdos de certa forma fragmentados, visando em primeiro plano apresentar efeitos visuais extraordinários - novamente por adquirirem recursos para produções caras - mas que não contribuem no aprendizado e reflexão de pautas sociais por meio da cultura e entretenimento. Porém, no mercado, como o controle da maior parte do comércio cinematográfico pertence a empresas dos Estados Unidos, provavelmente essas são as obras mais divulgadas.

Portanto, a abundante ascendência dos nichos Estadunidenses no Brasil acaba interferindo a possibilidade de visibilidade e engajamento de obras nacionais, essas carregadas de temáticas sociais, culturais, raciais, entre outras que acentuam uma realidade presente na vida dos brasileiros. O cinema nacional é caracterizado por uma cinematografia simples mas com histórias vivas e intensas que são capazes de tocar o consciente de qualquer espectador que está disposto a utilizar longa metragem como ferramenta de conhecimento.

<sup>5</sup> o cinetoscópio era similar a um armário e possuía uma janela por onde os espectadores podiam assistir a ilusão de uma imagem em movimento. O processo era feito através de um filme perfurado e uma película de celulóide que conseguia fixar as imagens e projetá-las na lente do cinetoscópio. Com o aparelho, as pessoas podiam assistir filmes de até 15 minutos. <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/historia-do-cinema>

## CONCLUSÃO

Após contextualizar quesitos consideráveis para se compreender melhor a indústria cinematográfica brasileira e os motivos complexos e extensos sobre sua desvalorização,



nota-se que é possível sim mudar este cenário com políticas públicas que visam primeiramente ao direito de lazer do cidadão na esfera do cinema, diminuindo os preços exorbitantes que são cobrados atualmente na bilheteria, mas para isso, também é necessário analisar a amplitude do cinema nacional e como algumas obras são capazes de informar problemas reais ocorrendo até hoje no país. Entretanto, não é possível toda a população brasileira adquirir conhecimento sobre a riqueza simbólica que o cinema local proporciona se nem sequer tenha esses filmes divulgados e visualizados dentro do país.

Na Coreia do Sul, por exemplo, o governo prioriza de certa forma a cultura, incluindo a indústria cinematográfica sul-coreana. De acordo com Gabriela Andrietta, o mercado de exibição de cinema da Coreia do Sul apresenta altos índices de frequência per capita e os filmes nacionais ocupam grande parte da programação da exibição. O governo sul-coreano agiu proativamente em relação às políticas culturais e direcionou capital dos chaebols (grandes conglomerados de empresas administrados por famílias tradicionais) para investimentos em filmes para competir com Hollywood. Assim, como a maior parte dos filmes brasileiros, filmes sul-coreanos também aborda críticas sociais sobre os problemas enfrentados no país, como a obra “Parasita”<sup>6</sup> que ganhou o Oscar 2019. Desse modo, o cinema brasileiro certamente também é capaz de ser prestigiado e reconhecido. Com suas características únicas, merece ser valorizado e enaltecido não apenas nacionalmente como internacionalmente. Ademais, cabe aos professores de sociologia e artes, exemplificadamente, incluírem também metodologias de ensino que possam visar a amostra de filmes clássicos nacionais para que os estudantes ocasionalmente tenham mais interesse no assunto e estejam dispostos a divulgar e debater sobre essas obras.

Nesse sentido, o Brasil possui um esplendor de filmes magníficos e muito importantes para a compreensão dos conceitos ligados à sociedade atual. Dentre essas obras, pode-se citar “Central do Brasil”<sup>7</sup>, “Que horas ela volta?”<sup>8</sup>, “Tropa de Elite”<sup>9</sup>, “Pixote, a lei do mais fraco”<sup>10</sup> e assim por diante. Todas estas sendo fieis na hora de retratar as situações que acontecem no cotidiano da população brasileira. Quem sabe, a conscientização através de filmes nacionais como material didático, pode em breve alcançar uma luta não apenas pelo direito ao lazer, como também por outros direitos fundamentais para a vida dos cidadãos do país. Como aborda Roquette Pinto em 1936: “O ideal é que o cinema e o rádio fossem, no Brasil, escolas dos que não têm escolas”.

<sup>6</sup> PARASITA. Direção de Bong Joon-ho. Coreia do Sul: Barunson, 2019.

<sup>7</sup> CENTRAL do Brasil. Direção: Walter Salles Júnior. Produção: Martire de Clermont-Tonnerre e Arthur Cohn. Intérprete: Fernanda Montenegro, Marília Pera, Vinicius de Oliveira, Sônia Lira, Othon Bastos, Matheus Nachtergaele et al. Roteiro: Marcos Bernstein, João Emanuel Carneiro e Walter Salles Júnior. [S. l.]: Le Studio Canal; Riofilme; MACT Productions, 1998. 5 rolos de filme (106 min), son., color., 35 mm.

<sup>8</sup> QUE horas ela volta?. Direção de Anna Muylaert. Brasil: Globo Filmes, 2015.

<sup>9</sup> TROPA de elite. Direção: José Padilha. Roteiro: Rodrigo Pimentel, Bráulio Montovani e José Padilha. Produção: José Padilha e Marcos Prado. Distribuidora: Universal Pictures do Brasil, 2007.

<sup>10</sup> PIXOTE, a lei do mais fraco. Direção de Hector Babenco. Brasil, 1981.

8º MoEduCiTec

Mostra Interativa da Produção Estudantil  
em Educação Científica e Tecnológica  
O Protagonismo Estudantil em Foco

II Mostra de Extensão Unijui



27/09/2024 | Campus Ijuí



## REFERÊNCIAS

ANDRIETTA, Gabriela. A EXIBIÇÃO DE CINEMA NA COREIA DO SUL. Disponível em: <https://portal.sescsp.org.br/files/artigo/354cf5b4/be36/4570/973c/d751de61dda1.pdf>

FILIPA, Ana. CENTRAL DO BRASIL: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES DO PAÍS NO CINEMA BRASILEIRO. Disponível em: <https://revistacomunicando.sopcom.pt/index.php/comunicando/article/view/232>

SIGISMONDI, P. “Hollywood’s Global Economic Leadership”, in The Digital Globalization of Entertainment, The Economics of Information, Communication and Entertainment, Volume 3, Chapter 2, pp.17-28, Springer. 2011.